

Um poeta desconhecido

Sob o modesto titulo com que apigrapho estas linhas, quando cursava a Faculdade de direito de S. Paulo, naquelles tempos que não voltam mais, de saudosa bohemia, em que fulguravam os melhores talentos da Arcadia Paulistana, representada por Dias da Rocha, Wenceslau de Queiroz, Vicente de Carvalho, Alberto Torres, Arthur Cortines, Figueiredo Coimbra, Xavier da Silveira Junior, Horacio de Carvalho e tantos outros bons rapazes — hoje, infelizmente, absorvidos pela politica, a sereia encantada que a tantos tem trahido— dei a saborear aos leitores do *Diario Popular* e *Diario Mercantil* de S. Paulo diversas quadras sentenciosas e algumas decimas do Padre Manoel Xavier, poeta mineiro de grande inspiração, que viveu e morreu esquecido na obscura cidade de Tamanduá, neste Estado, onde descançam os seus venerandos restos, sem uma inscripção singella que nos atteste o lugar de seu eterno jazigo.

As flores perfumadas de seu estylo fizinou-as a mão impiedosa do tempo e suas petalas, amarellecidas pelo ventoso estio, rolaram na poeira do tumulo.

O seu arcabouço nivelou-se com os da turba anonyma, que, na paz do isolamento, dorme o somno derradeiro.

Hoje, a grama do sepulchro, cobrindo os comoros da vasta necropole, empeceu o desabrochar primaveril dos lyrios e das rosas, na transformação eterna da materia.

O Padre Xavier era um espirito superior, talhado para illustrar, com as fulgurações diamantinas do seu estro poetico, potente, vigoroso, a nossa pobre e malfadada literatura, podendo, com justa razão, fechar com o Padre Silverio de Carvalho, de saudosa memoria, e com o Padre Corrêa de Almeida, o vigoroso triangulo da satyra provinciana.

O meio em que o poeta viçou e desenvolveu as qualidade primorosas e apreciaveis de sua veia poetica e que foram as do melhor quilate, era por demais acanhado para que seu estro tivesse toda a intensidade e fecundasse a historia da poesia brasileira com as producções elevadas, com

as concepções soberbas que fariam a sua gloria e que sumiram-se na voragem do esquecimento.

A sua poesia não tinha o cunho brazileirístico tão commum ás theorbas de Casimiro e Gonçalves Dias, quando, nostalgicos, cantam a terra natal, nem o chakspeareanismo e byronismo de Alvares de Azevedo, e nem o sabor hugoano de Castro Alves e Tobias Barreto, muito menos ao tom popular da lyra e dos cantos do nosso chorado Bernardo Guimarães, que fizeram os esplendores de uma época brilhante, gloriosa, mas extincta.

A sua poesia tinha uma feição cosmopolita: era tão brazileira como podia ser franceza, italiana, romaica ou russa. Não tinha um cunho especial, particular, que denunciase a origem nacionalista de seu auctor.

O seu forte era a satyra, a maxima, o pensamento.

Vibrava com pulso rijo e vigoroso a satyra com a energia asper-rima do latego de Juvenal e enfronhava a maxima e o pensamento numa simples quadilha com tanta habilidade, que taes producções poderiam ser subscriptas por La Rochefoucauld pelo Visconde de Araxá.

Fosse outro o meio em que se desenvolveram suas poderosas faculdades poeticas, de um vigor unico, e o Padre Xavier não teria o esquecimento dos homens: seria um poeta altamente conhecido e, com direito e justiça, grandemente apreciado.

Suas producções são diamantes brutos, que por falta do escopro do lapidario, não perdem, todavia, o valor intrinseco

Naquelles tempos em que o poeta floriu, as suas estrophes seriam justamente apreciadas, porque ainda não estavam em voga o parnasianismo e a *manière* dos modernos cultores fanaticos da forma, como F. Coppée, Leconte de Lisle, Joseph Cayda, Blasco, Stechetsi, Gonçalves Crespo, Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, para não falar num sem numero de sectarios da belleza physica do verso.

O Padre Xavier ao contrario desse exercito immortal, dava toda força, toda expansão á idéa sem se preoccupar com o rendilhado, com as scintillações, com a musica do verso, que fazem a gloria da poesia contemporanea.

Os seus versos primavam pelo fundo philosophico, pelo tom sentencioso, pelos conceitos, e esta feição parecia ser a preocupação, a mania de seu espirito.

Quando a critica recolher os documentos para traçar a historia da poesia nacional, ha de, por certo, enthesourar, como gemmas inestimaveis, as producções do Padre Xavier e, então, elle terá o seu logar assinalado, levado a elle pela justiça da Historia.

Sabemos que as estrophes, que se vão ler, serão tidas como notas de heresias nos meios dos crentes da escola moderna mas, como achamos nellas muito mais poesia e muito mais vida do que em muitos sonetos rendilhados que andão por ahi, mas que nada significam, conservamol-as de cór desde a infancia.

ERNESTO CORREIA

NOTA — Os versos em seguida publicados foram dirigidos pelo Padre Manoel Xavier ao cidadão Luiz José Cerqueira, escrivão de orphams em Tamanduá, neste Estado, em resposta ao convite que este lhe fizera para assistir ao consorcio de uma sua filha.

Padre Xavier vivia, por esse tempo, no arraial de S. Sebastião do Curral, atormentado por um cancro, que lhe corroeu completamente o nariz, occasionando-lhe a morte.

Publicamos tambem algumas maximas do talentoso sacerdote, que corroboram satisfactoriamente o que se avançou a respeito da pujança mental e fluencia de estro do illustre poeta mineiro.

CARTA

(Ao cidadão Luiz José de Cerqueira)

Emquanto estiver no mundo
Ninguem se julgue feliz,
Que a desgraça, às vezes, corta
A mais altiva cerviz.

Sempre fui sincero amigo,
Como sabes, meu Cerqueira,
De torcer desta carreira
Eu nunca estive em perigo.
Fui moço junto contigo,
Conhecemo-nos a fundo.
E desse tempo jucundo,
De tão leda mocidade,
Lembrar-me-hei com saudade
Emquanto estiver no mundo

Quanto prazer e saúde
(Até — prenhes de esperança —
Quantos mares de bonança)
Eu gosei na juventude! . . .
Hoje, tristonho atade,
Em rouquenha vóz me diz:
—Vê, contempla o teu nariz . . .
Todas vaidades desterra,
Depois brada que, na terra,
Ninguem se julgue feliz.

Esta musa que partilha
 Tua alegria e prazer
 Vai por mim comparecer
 Nas bodas de tua filha.
 Si vai triste, si não brilha,
 Si em gosos se não conforta.
 E' porque, já quasi morta,
 Mal pode cumprir deveres,
 Onde não ha mais prazeres
Que a desgraça, às vezes, corta.

Ao sopro do furacão,
 Cai o cedro na floresta:
 E' essa a sorte funesta
 Que o aguardava no chão.
 Do infortunio a ferrea mão,
 De tantas quedas motriz,
 Quando quer torna infeliz
 A quem venturas abrange,
 Cortando com ferro alfange
A mais altiva cerviz

Padre MANOEL XAVIER

—
 PERGUNTAS

I

—Borboleta, porque pousas
 Aqui, alli, acolá?
 —Para mostrar que, no mundo,
 Em nada constancia ha.

II

—Mariposa, por que causa
 Te queimas na luz em vão?...
 —Para mostrar quanto é forte
 A cegueira da paixão.

Padre MANOEL XAVIER

—